 ISBN: 978-85-87942-61-6

# GT 033. Estudos em contextos africanos: desafios, limites e perspectivas

Andréa de Souza Lobo (Universidade de Brasília) - Coordenador/a, Josué Tomasini Castro (Universidade de Campinas) - Coordenador/a

o emergente campo da Antropologia da ?frica a partir do Brasil tem, nos ?ltimos anos, atra?do um conjunto de pesquisadores e quest?es que se manifestam em projetos de pesquisa, publica?es e semin?rios que come?am a gerar um ac?mulo de reflex?es sobre o continente. A diversidade tem?tica e geogr?fica ? relativamente ampla, embora haja uma concentra??o de estudos nos e sobre os PALOP. Tal cen?rio torna cada vez mais premente a import?ncia de um di?logo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar express?o na antropologia feita no Brasil. O GT que propomos tem por objetivo reunir diferentes trabalhos desenvolvidos em contextos africanos promovendo a continuidade de um di?logo qualificado sobre pesquisas etnogr?ficas realizadas no e sobre o continente. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem tem?ticas diversas, tais como o desenvolvimento; a coopera??o internacional; fluxos locais, regionais ou globais; din?micas familiares e de parentesco; mobilidade e din?mica social; g?nero e sexualidade; rela?es sul-sul; cultura popular; concep?es de cidadania, dos direitos, do Estado; dentre demais quest?es que, ao perpassarem os interesses de antrop?logos brasileiros, respondam aos in?meros desafios da pesquisa sobre e em contextos africanos.

**Timbilas como prática social e como patrimônio da humanidade: narrativas em torno de um ?bem cultural? chope**

**Autoria:** Sara Santos Morais

Esta comunicação está centrada nos resultados parciais de minha pesquisa de doutorado (Agosto de 2017 a Dezembro de 2018), cujo principal objetivo é compreender o lugar das timbilas nas políticas culturais em Moçambique. Timbilas são descritas, conforme a bibliografia especializada, como instrumentos musicais (xilofones) que são tocados em formato de ?orquestras? pelos chopes de Moçambique. Mais amplamente, o termo timbila (mbila, singular) designa, a um só tempo, a dança, a música e o instrumento. O foco deste work é analisar os efeitos mais gerais do processo de patrimonialização do bem cultural denominado Chopi Timbila, proclamado Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco em 2005. Embora haja estudos dedicados às timbilas centrados em seus aspectos musicais e etnomusicológicos, pouca atenção foi dada a essa expressão como símbolo de construção da nação. Minha investigação tem buscado contrastar as teorias e práticas dos seus executantes com aquelas das autoridades responsáveis pela criação e, no limite, invenção da cultura chope e da cultura nacional. Não há manifestação mais oficial que a timbila em Moçambique. Foi promovida por administradores coloniais em Zavala (província de Inhambane), que se entretinham com os sons produzidos pelas grandes orquestras. Tornou-se foco de pesquisas e escritos pioneiros do aclamado etnomusicólogo Hugh Tracey. O Estado independente a utiliza das mais variadas formas no processo de construção da nação: o instrumento estampa o cartaz do primeiro festival de música tradicional moçambicana; grupos de timbilas são frequentemente ?convidados? para atuar em visitas de personalidades políticas; foi cunhada na efígie de uma das moedas locais e, finalmente, é escolhida como o primeiro bem cultural a ser patrimonializado a nível internacional. O processo de patrimonialização envolveu uma série de instâncias, agentes e instituições na sua concretização. Nesse sentido, minha apresentação estará centrada em dois pontos principais: 1) a partir de documentação levantada na pesquisa e de entrevistas com agentes que participaram na produção do dossiê que foi enviado à Unesco, analisarei o processo de construção desse material, enfatizando suas tensões e contradições; 2) a partir de etnografia dos

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> espaços de reprodução dos grupos de timbila, buscarei explorar o perfil mais geral desses grupos e os modos de vida de seus integrantes para compreender como experimentam a prática da timbila no conjunto mais amplo de suas práticas cotidianas. Com isso, pretendo elucidar aspectos voltados a dinâmicas e movimentos de pertencimento étnico e nacional dos timbileiros, produzidos tanto pelo processo de patrimonialização quanto pelos discursos veiculados por fontes diversas.
> Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

# Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

**Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA**
**Diretoria da ABA 2017/2018**
**Comissão Organizadora da 31ª RBA**

**Realização:** **Apoio:** **Organização:**